

Violência e paz no judaísmo, no Cristianismo e no Islã

Por: Maria Clara Bingemer

O monoteísmo é – como diz de forma eloqüente seu próprio nome – uma religião que crê em um único Deus, considerando todas as outras divindades como ídolos sem consistência. Apesar de todo o caminho feito hoje pelo diálogo inter-religioso, no qual as religiões são chamadas a entrar com profundo respeito pela fé do outro, tenha esta a configuração que tiver, a definição de monoteísmo permanece: doutrina que admite um só Deus. Decorre certamente daí os questionamentos que sobre ele pesam, de serem religiões excludentes e geradoras de violência.

Deve-se isso à sua própria natureza, ou seja, ao fato de serem religiões monoteístas, que crêem em um único Deus e, portanto excluem todo o resto e não toleram diferenças decorrentes do modo de crer de cada um? Deve-se isso à constatação histórica de que as três são religiões de conquista, que têm no seu acervo a memória de conflitos levados a cabo para defender-se ou atacar, a fim de obter mais território, mais poder, ou ainda eliminar outros, considerados como inimigos?

O medo do dogmatismo e do fanatismo religioso pode ser apontado como o maior adversário e a maior força perturbadora de um estudo sério e aprofundado dos sistemas religiosos tradicionais, em especial os semíticos monoteístas. O Islã invoca o pavor das invasões otomanas, a fúria dos chamados radicais iranianos, a irracionalidade das Teocracias ditatoriais.

E nos dias de hoje, os atentados kamikazes, os ataques suicidas que semeiam o medo e o terror em nome da fidelidade a Allah. O Judaísmo, apesar da simpatia despertada no mundo inteiro por séculos de perseguição suportados, cuja chaga mais profunda é a do holocausto nazista, ainda muito recente para ser esquecida, é alvo de uma série de suspeitas e preconceitos, fruto de um passado cultural ainda distante de ser superado. E hoje avança em direção a ser considerado ele próprio como um fundamentalismo beligerante e excludente, na ocupação mal-explicada da Palestina.

Os cristãos, por sua vez, carregam em sua história a sombra das Cruzadas, da Inquisição e das múltiplas guerras de religião em que estiveram envolvidos. Hoje em sua dupla divisão e multiplicidade de seitas, despertam na sociedade contemporânea um misto de reações cujo alcance apenas os acontecimentos futuros haverão de revelar por inteiro: da crise pós-conciliar do Catolicismo Romano, passando pela ignorância sistemática ao Cristianismo Oriental, até a difusão desenfreada e fragmentada das inúmeras seitas protestantes de corte pentecostal.

Outrossim, não é possível ignorar as semelhanças entre os monoteísmos, quer porque tenham raízes comuns, quer porque se dirijam ao mesmo Deus, Único, Onipresente, Onisciente. E os três monoteísmos acabam por se encontrar ao pé da mesma árvore de onde saíram: a árvore abraâmica de onde brotou a revelação do Deus único e diferente de tudo que existe.

Por outro lado, as sociedades procuram lutar contra as desgraças que afligem o homem moderno. Fragmentado ou confuso, descaracterizado ou dispensável, e ainda assim capaz de influir de forma preponderante no sistema caótico denominado "forças sociais", este ser humano procura novos rumos num mundo que tudo lhe oferece, de forma rápida, e

confortável, enquanto a miséria e violência batem à sua porta com força cada vez mais assustadora.

E grandes pensadores e líderes religiosos do mundo inteiro proclamam que a humanidade terá muito mais chance de encontrar caminhos para os grandes valores pelos quais anseia (a justiça, a paz, etc.) se as religiões participarem como protagonistas atuantes nesse processo de busca. Aí nos parece que entra em questão o papel dos monoteísmos no mundo de hoje. Se toda religião, por causa de suas próprias finalidades, toma posição com relação à violência e tende a limitar suas causas ou efeitos, é claro que o monoteísmo, por razão da unicidade e da transcendência do Deus que confessa, ocupa neste particular uma posição própria e original. Se a violência e a guerra parecem inevitáveis, inerentes a toda existência humana neste mundo, as revelações monoteístas enfrentam este desafio, propondo diferentes tipos de respostas segundo os tempos e lugares, mas sobretudo segundo a perspectiva específica de sua mensagem. Tendo estabelecido uma constatação situada e datada da violência, procuram, quando não podem erradicar as causas, fazer emergir o sentido, ou até mesmo o valor da prova purificadora e da redenção que está no fundo da violência praticada ou acontecida.

O judaísmo que é o mais antigo de todos os monoteísmos foi tendo que se firmar passando por estágios diversos. Primeiramente a experiência religiosa de Israel se configura como monolatria, ou seja, a adoção de um Deus único, considerando no entanto como divindades existentes realmente os deuses dos outros povos. Depois do exílio da Babilônia e da reforma de Esdras, se firmam as bases do monoteísmo que vai realmente dar origem posteriormente ao nacionalismo judaico, ao sionismo e a tudo enfim que foi decorrendo desse monoteísmo. As características dessa religião vão certamente ser um tanto excludentes, porém mais no sentido de autoproteção da identidade do povo. A concepção do judaísmo monoteísta é que só esse Deus é Deus, e todos os outros deuses que os outros povos possam adorar são ídolos ou divindades falsas. Quem os adora está no erro. A tensão que pervade toda a Bíblia judaica, portanto, é muito mais entre fé e idolatria do que entre fé e ateísmo. O ateísmo não é um problema dos povos antigos. Pelo contrário, o problema dos povos antigos monoteístas é justamente a idolatria.

Cristianismo e Islã são expansões da mensagem de pacificação universal e final dos profetas de Israel. O judaísmo de hoje, herdeiro desse mesmo Israel, parece haver renunciado por agora à universalidade, pois pensa que não chegou ainda o tempo de vincular em uma mesma estrutura social ou religiosa a todos os humanos.

Cristãos e muçulmanos já pensam diferentemente. Como profeta-apóstolo de Deus e de mudança social, Maomé viveu na Meca a partir do ano 613 d. C. Alguns aceitaram sua mensagem, entre eles Jadicha, sua esposa, e Abu-Talib, seu tio, chefe de seu clã. Outros, no entanto, a ela se opuseram, acusando-o de revolucionário e perturbador religioso. Quando ele e seus fiéis correram o risco de perder a vida, projetou e aplicou uma estratégia da qual saiu vitorioso: emigrou para a cidade-oásis de Medina, com cujos habitantes mantinha boas relações. Esta Emigração ou Hégira (622 DC.) é que marca o princípio da Era Muçulmana e depois é incorporada como um dos cinco preceitos do Islã. Não foi uma evasão, nem um abandono ou negação, senão uma forte ruptura criadora: o começo de uma nova ordem social que anula a precedente de pactos de tribos e clãs da Meca.

Jesus de Nazaré, por sua vez, no momento em que o perigo dele se aproximava, subiu a Jerusalém, ao encontro do enfrentamento com o Judaísmo oficial. Mantendo-se firme em sua mensagem social e religiosa, sem defesa armada, preferiu deixar-se matar antes que negá-la. Maomé não renegou tampouco sua missão, mas não se deixou matar. Sua atitude

foi diferente. Quis que a comunidade de seus seguidores triunfasse e por isso, em eficiente tática, abandonou a cidade, iniciando uma estratégia de defesa armada e expansão social. A seu juízo, o sofrimento é prova temporária. A meta do ser humano é a vitória já neste mundo. Nesse contexto de defesa e expansão de sua comunidade, Maomé continuou recebendo revelações de Deus, codificadas logo em seu livro, o Alcorão. No princípio seus seguidores eram minoria, mas logo conseguiram o controle de Medina, criando um estado islâmico, protótipo e modelo de toda sociedade muçulmana. Maomé empregou para isso meios violentos, expulsando ou matando judeus e antagonistas, ao serviço de uma paz mais alta : o Islã, ou seja, a submissão de todos a Deus. A partir desse pano de fundo, podemos destacar algumas conexões e diferenças entre as propostas das três religiões monoteístas:

– O cristianismo é fundamentalmente pacifista e toda guerra Santa seria, portanto, contrária a sua verdade: quem acredita em Jesus Cristo não pode expandir a fé à força, pois a força militar é a negação da fé cristã. O cristianismo, segundo sua experiência fundacional, deveria ser uma comunidade de crentes que se unem e expandem através da palavra, sem assumir o poder. Por isso se configura como igreja, não como estado ou povo ou qualquer figura de comunidade civil.

– Pelo contrário, o Islã é combativo, impondo pela força , se for isto necessário, sua maneira de viver , sua opção social e/ou sua religião, pois Deus assim o quer . Deus e sua vontade importam mais que toda decisão e liberdade humana. O Islã, por isso, não se expressa em uma igreja como a cristã, nem em uma comunidade monástica mas em uma sociedade total , em um povo que tem um projeto, que vincula o civil e religioso, sem que exista já aí nada profano.

Certamente, o Islã é riquíssimo no que diz respeito à experiência religiosa interior, e conta em sua tradição com místicos ardentes e um caminho de união com Deus muito profundo, como o de certos grupos sufís. Assim também promove muitas vezes o surgimento de grupos vinculados pela experiência do mistério na linha de certas comunidades cristãs. Não deixa por isso de ser esta religião total que integra todas as dimensões da vida, unificando indivíduo e sociedade, revelação de Deus e política. Trata-se de uma religião muito “profana” sob certos aspectos, pois nela não existem sacerdotes especialmente investidos, nem um clero

diferente do restante do povo, nem gestos de culto sacral separados do restante da proposta religiosa. Isso é verdade sobretudo se prescindirmos, ao fazer essa afirmação, da confissão de fé e da prece cinco vezes repetida como sinal de submissão a Deus e a seu profeta. Mas, ao mesmo tempo, sacraliza tudo. A vida inteira se define em chave religiosa: estado e economia, indivíduo e família, estrutura social e política, estando aí compreendida e incluída a guerra. Após estas descrições e estudos comparativos, poderíamos, portanto afirmar:

1. O Povo de Israel é a comunidade nacional daqueles que, depois da destruição do Segundo Templo (70 DC.), comprometeram-se a cumprir a lei mosaica: não desejam transformar a ordem mundial, nem converter todos ao judaísmo . Seu desejo é manter-se como grupo de testemunhas, fiéis a sua eleição sob o signo messiânico até o final dos tempos; por isso, e por guardar sua diferença e não se integrar na estrutura social dominante dos estados cristãos, muitos judeus foram perseguidos ao longo da história. Entretanto, por triste embora compreensível paradoxo, muitos dos judeus de hoje quiseram instaurar um estado de Israel e defender-se por meio da guerra no território da Palestina, convertendo-se em foco de dura violência.

2. A Igreja cristã é uma comunidade universal (supranacional) daqueles que acreditam que em Jesus chegou o fim dos tempos pois nele Deus disse sua derradeira e definitiva palavra. Por isso procuram sobre a terra a unidade dos seres humanos através da palavra, buscando praticar a renúncia à violência e o diálogo universal. Não têm povos santos, nem nações escolhidas. Querem, contudo, ser fermento de união universal, em torno do pão compartilhado. Entretanto, por triste paradoxo, cristãos que deviam ser um testemunho de pura gratuidade e amor vieram a converter-se muitas vezes em foco de violência: quiseram impor-se pela força nas cruzadas, lutaram entre si nas guerras de religião dos séculos XVI e XVII, impuseram-se pela guerra sobre o mundo, nos processos de conquista colonial dos séculos XVI ao XX.

3. A Umma ou Comunidade islâmica parece unir elementos judeus e cristãos. Por uma parte é universal (como o cristianismo); por outra parte está ligada a uma forma de vida social muito precisa, que pode inclusive defender-se por meio da guerra, tal como o povo de Israel no Antigo Testamento. De acordo com as fontes de sua tradição, os muçulmanos não teriam por que ser guerreiros, nem violentos. Mas o fato é que, desde os primórdios de sua existência, empregaram a guerra como meio de expansão e defesa religiosa. De maneira oposta, pelo menos em princípio, o evangelho é constitutivamente pacifista. Trata-se da mensagem e do exemplo de um perdedor, um crucificado, manso e humilde de coração. Durante quase três séculos, os cristãos viveram à margem do poder estabelecido, transformando a sociedade por meios puramente gratuitos, e sendo perseguidos pelo sistema imperial de Roma, escondidos nas catacumbas. Diferentemente, Maomé estendeu o Islã por meio da guerra e assim o deixou escrito no Corão.

Os muçulmanos atuais podem entender estas passagens de diversas formas, tanto na linha de um fundamentalismo guerreiro - entendendo que continua a guerra contra os inimigos do Islã - como em perspectiva quase pacifista. A meta do Islã é a superação de toda guerra. Porém, sendo o próprio Islã ao mesmo tempo religião e práxis social, o muçulmano pode ir à guerra unindo ideal místico e violência política. É evidente que essa guerra não parece pior que a que fazem as nações ocidentais defendendo seus interesses econômicos. Mas há uma diferença. A violência dos ocidentais (que às vezes aparecem identificados como cristãos, embora nem todos o sejam) não se exerce em nome de Deus, mas sim em nome da razão do estado ou do egoísmo econômico. Pelo contrário, a violência muçulmana atua em nome de Deus, implica Deus no núcleo mesmo da violência e da luta armada, e por isso resulta contraditória não apenas para os cristãos mas para a maioria das pessoas.